

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



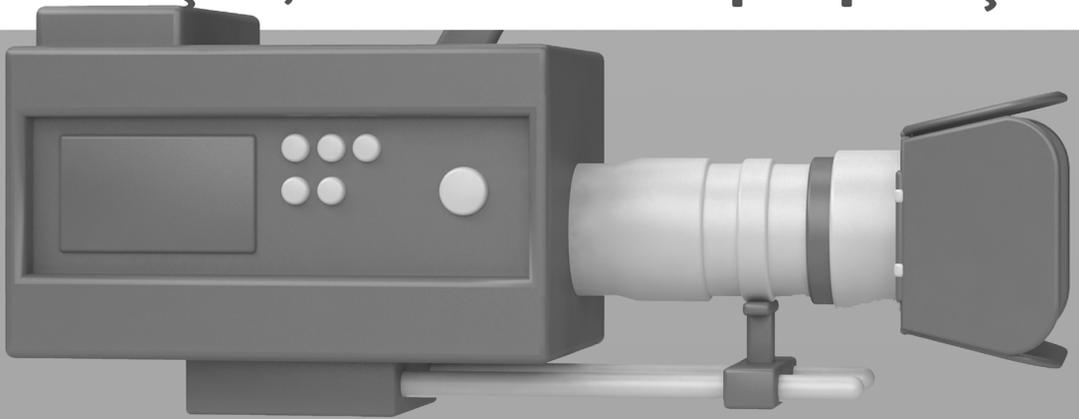
**Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-155-5

DOI 10.22533/at.ed.555211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu primeiro volume, reúne vinte e três artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AFINAL, O QUE É PERFORMANCE ART? Ezequiel Martins Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5552110061	
CAPÍTULO 2	12
ASPECTOS ARQUETÍPICOS DA ARTE-EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA Filipe Mattos de Salles DOI 10.22533/at.ed.5552110062	
CAPÍTULO 3	24
DERIVAÇÕES POÉTICAS DO REAL Dinah de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.5552110063	
CAPÍTULO 4	36
DO SAMBÓDROMO AO CARNAVAL VIRTUAL: A FACE DA JESUS MULHER NA MANGUEIRA 2020 E NA DEIXA DE TRUQUE 2021 Tiago Herculano da Silva Fátima Costa de Lima DOI 10.22533/at.ed.5552110064	
CAPÍTULO 5	51
ENCARNAÇÃO DA BELEZA IDEALIZADA: O NU FEMININO CLÁSSICO À ANTIGA EM VENEZA, ENTRE SÍNTESES E INOVAÇÕES Tânia Kury Carvalho DOI 10.22533/at.ed.5552110065	
CAPÍTULO 6	67
LA VIRTUALIZACIÓN DE LOS CUERPOS: ENTRE LA DOCUMENTACIÓN EN ARTES Y LA PORNOGRAFÍA Andrés Felipe Restrepo Suárez DOI 10.22533/at.ed.5552110066	
CAPÍTULO 7	77
TEATRO DE ARENA: A ESTÉTICA DE RESISTÊNCIA DA SONORIDADE DO MUSICAL “ARENA CONTA ZUMBI” Dyonnatan da Silva Costa DOI 10.22533/at.ed.5552110067	
CAPÍTULO 8	88
A TRAVESSIA ARTÍSTICA EM AREIAS DO TEMPO: LIDANDO COM OS DESVIOS DA MATÉRIA FOTOGRÁFICA NO CIANÓTIPO Daniela Corrêa da Silva Pinheiro DOI 10.22533/at.ed.5552110068	

CAPÍTULO 9	99
VITÓRIAS E DERROTAS: ANITA MALFATTI NA HISTÓRIA DO MODERNISMO PAULISTA Eliane Honorata da Silva DOI 10.22533/at.ed.5552110069	
CAPÍTULO 10	110
TUNGA: SENTIDO DE UMA POÉTICA Wellington Cesário DOI 10.22533/at.ed.55521100610	
CAPÍTULO 11	119
ESPAÇO PARA GERAR ESPAÇO Gabriel Augusto de Paula Bonim DOI 10.22533/at.ed.55521100611	
CAPÍTULO 12	131
MOVERES: APONTAMENTOS E APROXIMAÇÕES EM CORPO, TEXTO E COREOGRAFIA Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque DOI 10.22533/at.ed.55521100612	
CAPÍTULO 13	141
O SERIADO CHAVES COMO EXPRESSÃO DA TEORIA FOLKCOMUNICACIONAL Mirian Martins da Motta Magalhães Fabiana Crispino Santos Suzzane Mary Mesquita de Lima DOI 10.22533/at.ed.55521100613	
CAPÍTULO 14	154
O LIVRO DE ARTISTA COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA Gabriela Garcia de Godoi Moreira DOI 10.22533/at.ed.55521100614	
CAPÍTULO 15	163
O MITO DE UMUKOSURËPANAMI DA ETNIA DESSANA NO GRAFFITE DOS ARTISTAS CURUMIZ Kemerson de Souza Freitas DOI 10.22533/at.ed.55521100615	
CAPÍTULO 16	176
NOS CORREDORES DA CAIÇARA: “ENCAIÇARAMENTOS” DA ARTE POPULAR PELA AMAZÔNIA Ericky da Silva Nakanome Adan Renê Pereira da Silva DOI 10.22533/at.ed.55521100616	

CAPÍTULO 17	190
TAQUARAS, TAMBORES E VIOLAS: FAZERES MÚSICAIS EM NARRATIVAS AUDIOVISUAIS	
Alice Villela	
DOI 10.22533/at.ed.55521100617	
CAPÍTULO 18	197
VÍDEOS INDÍGENAS COMO CONTRANARRATIVAS HISTÓRICAS: BREVES CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE <i>JÁ ME TRANSFORMEI EM IMAGEM</i>	
Karlíane Macedo Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.55521100618	
CAPÍTULO 19	209
A BARQUINHA DE MESTRE DANIEL: ETNOGRAFIA DA MÚSICA DE UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA AYAHUASQUEIRA AMAZÔNICA	
Daniel Castro Montoya Flores	
Sérgio Nogueira Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.55521100619	
CAPÍTULO 20	224
ROQUE SEVERINO: UM AUTÊNTICO PROCESSO CRIATIVO MANAUARA EM CONTEXTO PANDÊMICO	
Luiz Augusto Martins	
Amanda Aguiar Ayres	
Jackeline dos Santos Monteiro	
Guilherme Alves Carvalho	
Diogo Sousa e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55521100620	
CAPÍTULO 21	241
PROCESSOS DE TRANSMISSÃO MUSICAL DO FADO DE QUISSAMÃ: UMA ABORDAGEM ETNOMUSICOLÓGICA	
Fernanda Morales dos Santos Rios	
Marta de Oliveira Chagas Medeiros	
Giovane do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.55521100621	
CAPÍTULO 22	251
MEMÓRIA VOCAL RADIOFÔNICA: A NATUREZA DO BELO EM FONOGRAMAS DE CANTORAS ERUDITAS E POPULARES DOS ANOS 1940 A 1960	
Benedicto Bueno Gurgel Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55521100622	
CAPÍTULO 23	260
MORDAÇA NA PUBLICIDADE: APONTAMENTOS SOBRE A SUSPENSÃO DE CAMPANHAS POR INTERFERÊNCIA POPULAR	
Marina Aparecida Espinosa Negri	
DOI 10.22533/at.ed.55521100623	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	274
ÍNDICE REMISSIVO.....	275

CAPÍTULO 13

O SERIADO CHAVES COMO EXPRESSÃO DA TEORIA FOLKCOMUNICACIONAL

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão 26/03/2021

Mirian Martins da Motta Magalhães

UNIGRANRIO - UNISUAM

Duque de Caxias/RJ - Rio de Janeiro/RJ
<http://lattes.cnpq.br/4411556383720788>

Fabiana Crispino Santos

IBMEC/RJ

Rio de Janeiro/RJ
<http://lattes.cnpq.br/0030773400545594>

Suzzane Mary Mesquita de Lima

UNISUAM

Rio de Janeiro/RJ
<http://lattes.cnpq.br/4473314783851262>

RESUMO: O presente artigo visa estudar e analisar os aspectos socioculturais que envolvem o seriado Chaves, sucesso no Brasil e em toda a América Latina, dentro da perspectiva da teoria folkcomunicação. O objetivo da pesquisa é analisar e compreender a motivação da audiência expressiva do povo brasileiro em relação ao programa, e pontuar características sociais comuns no âmbito nacional, para que assim possamos encontrar uma explicação para o sucesso tão significativo deste programa, que já está no ar há mais de 40 anos e que se mantém apenas de reprises.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Chaves; Comunicação; Cultura.

THE TV SERIES CHAVES AS AN EXPRESSION OF THE FOLK THEORY

ABSTRACT: This article aims to study and analyze the socio-cultural aspects within the perspective of folkcommunication theory that involve the TV series Chaves, a success in Brazil and throughout Latin America that is already in the air for more than 40 years and remains only in the form of reruns. The objective is to understand the motivation of the massive Brazilian audience, and punctuate common social characteristics.

KEYWORDS: Folkcommunication; Chaves TV series; Communication; Culture.

1 | INTRODUÇÃO

O seriado Chaves cativa fãs e admiradores por todo o mundo desde a sua estreia, e a motivação para esse sucesso se dá pelo olhar original e incomum que o autor Roberto Bolaños empregou no seriado. *El Chavo del Ocho* (título original da série) está diretamente ligado a uma construção narrativa que sensibiliza há gerações.

Desde a sua primeira exibição aqui no Brasil, o programa foi ganhando espaço e conquistando cada vez mais espectadores. Apesar de inicialmente ter sido taxado como “infantil” e de “má qualidade”, com o aumento do investimento em melhorias na dublagem e na exibição, Chaves foi ganhando reconhecimento. Esse fenômeno hoje em dia é alimentado pelas mídias sociais e toda a série tem um grupo de

seguidores que a cultuam.

A expansão do sucesso do seriado dá-se também pela distribuição em massa do programa em toda a América Latina, exceto Cuba, e também no mundo. De acordo com Santos et al (2015, p. 20), “no início, Chaves surgiu apenas com o foco de atingir o público adulto e não tendo a pretensão de agradar o público infantil”, porém, devido à expansão, sua popularidade se igualou entre todos os públicos. O programa *El Chavo* foi dublado em mais de 50 idiomas e transmitido em diversos países como Índia, China, Japão, Coreia, Tailândia, Rússia, Angola e Marrocos.

Com a análise dos aspectos históricos é possível compreender a magnitude do seriado que conquistou milhões de receptores. Em virtude disso, o foco do trabalho será analisar o conteúdo e os principais personagens da série, bem como seu poder de comunicação, além dos enfoques sociais inseridos no programa, utilizando como principal corpo teórico a folkcomunicação.

2 | A TEORIA FOLKCOMUNICACIONAL

A teoria da folkcomunicação foi desenvolvida pelo brasileiro Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) que definiu uma nova área de pesquisa no ramo das Teorias da Comunicação, tornando-se a primeira originalmente brasileira. Segundo Benjamin (2011) o estudo busca entender os meios de comunicação de um povo que não utiliza os meios formais para se comunicar, mas sim sua própria cultura popular, mais conhecida como folclore, para transmitir seus pensamentos.

A folkcomunicação se baseia em duas análises principais: folclore e comunicação. Dois termos distintos que, ao se juntarem em uma pesquisa, tomam um destaque significativo.

O estudo acerca do folclore é bem antigo e se baseia em análises substanciais para decifrar costumes e culturas híbridas que constituem uma sociedade. As concepções sobre o que é folclore foram discutidas no I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, no qual a Carta do Folclore Brasileiro foi anunciada. Apesar de conter análises consistentes sobre folclore, a Carta foi modificada e melhorada em 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, quando uma releitura foi realizada:

Os conjuntos das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo e sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade (BENJAMIN, 2007, p. 29).

Uma análise construída por Benjamin (2007) apresenta esses tópicos empregados pelo Congresso Brasileiro de Folclore e conceitua cada aspecto.

O primeiro tópico de **aceitação coletiva** se baseia em uma cultura que está no

gosto popular, onde a massa se identifica e pratica: “[...] há aceitação coletiva, quando passa a ser considerado patrimônio comum do grupo e ocorrem adições, variações e reinterpretações” (BENJAMIM, 2007, p. 29). Ou seja, tudo o que é acolhido por um povo como costume cotidiano.

O segundo tópico de **tradicionalidade** é constituído pela “tradição que é a matriz do fato folclórico, a qual as recriações e renovações devem ser fiéis” (BENJAMIM, 2007, p. 30). Um costume ou prática tradicional é composto por anos de herança cultural que envolve uma sociedade, esse tópico se faz importante devido ao seu apego ao legado de uma história, que, mesmo com mudanças e renovações, deve ser preservada. Um exemplo de tradicionalidade descrito por Benjamin (2007) são as gírias, que se renovam com o passar dos tempos, mas nunca perdem sua essência.

O terceiro tópico, **dinamicidade**, expressa a constante mudança que toda cultura está sujeita, cada prática e costume passa por dinamismo, uma desenvoltura com o passar do tempo, “não permite a admissão do entendimento do folclore meramente como uma sobrevivência do passado” (BENJAMIM, 2007, p. 30). Existe uma renovação no folclore, inserção de novos hábitos que só enriquecem a cultura.

A **funcionalidade**, quarto e último tópico, engloba os principais contextos, social, econômico e político, fazendo com que a propagação da cultura folclórica seja expressiva. “As técnicas de cestaria e de cerâmica utilitária, que tiveram o seu mercado tradicional reduzido, [...] encontraram a sua sobrevivência na mutação da função de utilitário para decorativo” (BENJAMIM, 2007, p. 31).

De acordo com Benjamin (2007), existem duas outras características que também podem ser acrescentadas para explicar um processo folclórico, que são a espontaneidade e a regionalidade. A espontaneidade é citada para observamos que uma cultura não nasce a partir de leis e decretos, mas sim de costumes e práticas preservados por um povo através do legado que é passado de geração a geração. É algo que nasce dentro de cada um, uma expressão, uma fala, um gesto. Já o aspecto de regionalidade se baseia no estudo do desenvolvimento de uma cultura dentro de localidades específicas, onde cada povo possui a sua característica, sua particularidade. A origem de cada grupo é a mesma, mas existem múltiplas variações de um mesmo costume.

Ao levar em consideração esses aspectos acerca do folclore, é possível observar uma cultura híbrida que, dentro do estudo da folkcomunicação, aparece para desmistificar uma sociedade e explicar seus meios de se expressar e de transmitir práticas e costumes da massa.

3 | A COMUNICAÇÃO DOS “MARGINALIZADOS”

Partindo do pressuposto de que uma sociedade se comunica a partir de suas manifestações culturais, a teoria folkcomunicacional tem como objetivo entender os

processos comunicacionais centralizados nessas ações. De acordo com Shmidt (2007), a área das ciências humanas carrega uma vasta análise de comportamentos e ações de um indivíduo, por isso qualquer estudo que envolva essa área terá como foco principal o ser humano. Entender as ações do homem nos âmbitos natural, social e material, leva a uma compreensão dos significados culturais inseridos no ser humano.

Luiz Beltrão (2001) começou a verificar os agentes comunicadores de fora do sistema convencional e associou a sua teoria também com a proposta original de Katz e Lazarsfeld, “a teoria da comunicação em duas etapas”. O raciocínio principal desta tese é de que a transmissão da mensagem se dá em dois tempos: o primeiro acontece quando a informação chega a um tipo de líder de opinião que fica responsável por traduzir e decodificar a mensagem para, em um segundo momento, retransmiti-la para terceiros. A teoria da folkcomunicação de Luiz Beltrão (2001) oferece uma visão otimista e inovadora para as classes populares, através de um olhar preciso sobre suas manifestações folclóricas potentes.

A mídia toma um papel importante quando o assunto é dissipação de ideologias e comportamentos, porém o estudo da folkcomunicação se consolida para analisar a influência de grupos de massa na reprodução de suas culturas e costumes através da mídia. Segundo José Marques de Melo (2007, p.21), a teoria folkcomunicacional “caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”.

Ao longo dos anos a mídia vem se consolidando quanto à profunda informatização nos processos comunicacionais, que ocasionou uma maior credibilidade e influência de seus emissores junto ao público-alvo. Com isso, as manifestações culturais têm cada vez mais espaço neste canal. As referências folclóricas de diversas localidades, sejam nacionais ou mundiais, trazem consigo uma potência decisiva na criação de conteúdos midiáticos, como novelas, seriados, programas de TV, reportagens de jornal, reality shows, etc. De acordo com Shmidt (2008), esta inserção midiática possui aspectos decisivos quanto à aceitação do público, que são a interatividade, diversidade e globalidade.

Com a interatividade o receptor possui um poder máximo de decisão quanto ao conteúdo que irá acompanhar, estabelecendo uma boa conexão junto ao emissor. O tópico de diversidade é o que melhor pode resultar na empatia do público com o emissor, pois um mesmo conteúdo pode ser apresentado de diversas formas, usando linguagens diferentes para atrair a massa. A globalidade citada por Shmidt (2008) se refere ao alcance da mensagem que rompe barreiras sócio geográficas, podendo chegar a diversos povos espalhados pelo mundo.

O objeto de estudo deste artigo se enquadra em dois destes aspectos, a diversidade e a globalidade. O seriado Chaves possui um conteúdo diversificado que vale tanto para o entretenimento de uma criança de cinco anos, quanto para o de um adulto de trinta. E esse conteúdo se tornou universal devido à satisfação que o público obteve ao consumir

um material de tamanha pluralidade.

Esse tipo de comportamento da mídia mostra uma inserção gradual de usos e costumes de uma massa que representa uma migração de conteúdos, no qual o receptor passa a ter a chance de se tornar o emissor e com isso fortalecer e ampliar seu folclore. É importante destacar que essa troca de posições favorece não só a extensão de uma cultura, mas sim uma massificação de conhecimentos por parte da mídia.

Almeida (2003, p.2-3) cita em seu trabalho que Luiz Beltrão “identifica uma série de manifestações artísticas e folclóricas pelas quais a massa se comunica e a opinião se manifesta”. O autor da teoria folkcomunicação sugere que é por meio delas que “surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as ideias motrizes capazes de, em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz” (BELTRÃO, 1965, p.9-10).

Contudo, essa análise do comportamento midiático em relação à cultura se fez necessária para o aprimoramento do estudo de Luiz Beltrão por se tratar de um aspecto importante da folkcomunicação. A indústria cultural necessita sustentar-se constantemente do folclore popular por ser um meio confiável de êxito, com a identificação do receptor com o seu meio de viver.

4 | OS ESTUDOS CULTURAIS

A base da teoria folkcomunicação está nos Estudos Culturais, um campo das ciências humanas que estuda as relações do homem com o mundo dentro de processos culturais, e analisa a realidade social sobre estruturas coletivas.

Os autores Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson e Stuart Hall se aliaram à Nova Esquerda Inglesa e, de acordo com o Guilherme Fernandes (2011, p.3-4), buscaram em Karl Max novas contribuições para seus estudos. Fernandes também menciona em seu trabalho as três principais contribuições de Max para os Estudos Culturais, citadas por Richard Johnson (2006, p.12-13): “1. os processos culturais estão intimamente vinculados às manifestações sociais”; este tópico está ligado às classificações de idade, raça, status social e divisões sexuais que contribuem para um entendimento superior de uma sociedade. “2. cultura envolve poder”; esse tipo de divisão social contribui para um equilíbrio da sociedade. “3. cultura não é um campo autônomo, mas um local de diferenças e de lutas sociais”, pois não existe apenas uma forma de cultura, mas sim um campo vasto de manifestações culturais que refletem os usos e costumes de determinados grupos.

Os Estudos Culturais buscam analisar uma sociedade a partir de seus hábitos e práticas que podem representar suas origens. Os tópicos citados acima são apenas um dos variados caminhos que esse tipo de pesquisa pode tomar. O campo das ciências humanas é vasto e ainda não foi amplamente estudado, por isso, estudos, como o da folkcomunicação, são muito importantes para o desenvolvimento do pensamento humano em relação as suas

próprias condutas, fazendo com que a sociedade adquira mais conhecimento do seu lugar no mundo.

O conceito de representatividade tratado por Stuart Hall (1997) na obra *The Work of Representation* desenvolve a ideia de que a cultura é um conjunto de significados compartilhados, partindo do pressuposto da linguagem como processo de significação.

Para Hall (1997) é através de falas e pensamentos que apresentamos uma representação, que damos significado a alguma coisa. Ou seja, o que fazemos é dar significados a objetos, pessoas e produtos midiáticos de acordo com a estrutura de interpretação que trazemos. Ligando este tema com o objeto de estudo deste trabalho, será possível fazer uma análise sobre a importância que o conceito de representatividade obtém para determinar o sucesso do seriado *Chaves* no Brasil.

Roberto Bolaños escreveu e produziu um seriado que possui diversas características culturais do folclore mexicano, por isso o estudo e compreensão da teoria folkcomunicação se faz necessário para entender e explorar as manifestações populares que podem ter grande influência no sucesso que o seriado causou, não só no México, mas em toda a América Latina ou mesmo no mundo.

5 | FOI SEM QUERER, QUERENDO!

A partir de agora alguns episódios do seriado *Chaves* serão analisados e também serão destacadas as características folkcomunicação inseridas, inclusive nos personagens.

Através da análise os conceitos de sociedade no âmbito brasileiro serão discutidos, buscando entender o que é despertado nos espectadores brasileiros para que o seriado alcance, desde a sua primeira exibição até hoje, sucesso de audiência, e que ainda motive muitos fãs e seguidores a consumi-lo.

O seriado *Chaves* surgiu em meio a uma turbulência política, explosão demográfica e ao processo de urbanização mexicana, fatores que juntos provocaram o empobrecimento de parte da população. O programa relata diretamente esse processo de urbanização e pobreza do povo do México, mas em nenhum momento se refere à política ou ao governo estabelecido na época.

Por ter sido produzido e exibido no México, *Chaves* apresenta uma mistura de representações culturais, como o próprio cenário da habitação dos personagens, a chamada *vencidad*, ou vila como foi traduzido pela dublagem. O espaço retrata uma residência típica do México, na qual as pessoas se aglomeram em habitações humildes.

Esse é um dos aspectos que fazem com que o seriado se ligue à cultura brasileira, pois as “vilas” representadas no programa mostram uma semelhança intrínseca com as favelas e comunidades que cercam as cidades do Brasil. Uma das formas de representatividade identificadas, devido às semelhanças de moradia.

Alguns episódios são marcados por valores conservadores ainda inseridos na sociedade (ressaltando que o seriado é ambientado na década de 70), porém esses valores são apresentados de forma humorística e sem representar apenas um lado, como nos episódios *O dia internacional da mulher*, de 1975, e *O concurso de Miss Universo*, de 1978, nos quais o tema “Liberação Feminina” é retratado. No primeiro episódio citado, Quico e Chaves estão brincando de jogar beisebol quando Chiquinha aparece e pede para brincar também. É aí que Chaves intervém e diz: “Não, as mulheres não jogam beisebol”. Então Chiquinha retruca: “Como? Então você ainda não ouviu falar da liberação da mulher feminina?”.

Esse fato histórico retratado no programa foi conhecido como Revolução Sexual (chamado no programa de Liberação Feminina), que aconteceu entre as décadas de 60 e 70. Esse movimento “diz respeito à liberalização de determinados códigos mais restritos das condutas – sobretudo os das mulheres – e a uma maior liberdade em tratar publicamente o tema da sexualidade” (HEILBORN, 2006, p. 48). O movimento gerou manifestações no mundo todo, principalmente entre as mulheres, que pediam a igualdade de gêneros e reformulações de padrões culturais relacionados à sexualidade humana.

Bolaños, autor e intérprete de Chaves, foi muito ousado ao retratar em um programa teoricamente infantil assuntos de tamanha relevância social. Não podemos afirmar se foi proposital ou não, mas a forma de lidar com o assunto foi demasiadamente feliz. Após questionar Chaves sobre seu conhecimento acerca do movimento feminista, Chiquinha completa seu questionamento pronunciando a seguinte frase: “Isso que dizer que nós, mulheres, não temos mais que pedir permissão aos homens para cometer as barbaridades que cometíamos quando não nos davam permissão...”. Essa frase demonstra a visão do autor sobre o tema, com o propósito de mostrar ao público um assunto importante, mas de forma leve, como podemos verificar a partir da frase dita em sequência por Chiquinha, após Quico perguntar o significado de sua alegação: “Significa que de hoje em diante as mulheres vão sair para trabalhar e os homens é que vão ter os filhos”.

A relação cultural entre homem e mulher no seriado Chaves é extremamente natural, quando ambos se mantêm juntos devido ao amor, paixão e admiração, e não por necessidade ou interesse. As mulheres apresentadas no programa são devidamente autossuficientes e independentes. Como exemplo há Dona Florinda, que cria o filho sozinha e ditando suas próprias regras. A questão é que Bolaños se mostra bem preocupado em tratar assuntos como esse, mesmo que de forma simples, visando estabelecer uma relação com a atualidade. Hoje em dia esse tema ainda é muito discutido, o que faz com que o seriado se mostre atual e também ainda demonstre representatividade.

6 | OS PERSONAGENS E A CRÍTICA SOCIAL

Para fortalecer a pesquisa teórica e proporcionar um embasamento mais satisfatório,

o artigo *O seriado El Chavo del Ocho como um produto folkcomunicação*, que fala sobre a sociedade mexicana descrita por Octávio Paz e escrito por Dennis Renó (2009), será usado como base para dar suporte ao estudo sobre os aspectos socioculturais inseridos na série. Baseado nos escritos do autor Octávio Paz, Renó (2009) apresenta traços da personalidade mexicana nos personagens e discute suas características principais de formação e massificação, buscando a real motivação de Bolaños.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Renó, porém com análises próprias, referências socioculturais serão traçadas, mas que se encaixem nas concepções folkcomunicaçãois. Para isso, será feita uma analogia dos personagens da série Chaves com os personagens brasileiros descritos por DaMatta (1986) em *O que faz do Brasil, Brasil?*. Uma ponte será construída ao longo do texto, que se tornará sólida à medida que as características dos personagens se fizerem presentes também nos brasileiros. Para esse fim serão analisados cinco personagens principais do seriado, e são eles: Seu Madruga, Chiquinha, Dona Florinda, Seu Barriga e por fim, Chaves.

O personagem Seu Madruga (originalmente chamado de Don Ramón) foi interpretado pelo ator Ramón Valdés. Este personagem possui diversas características que o ligam à cultura brasileira. Seu Madruga é um típico trambiqueiro que já passou por diversas profissões, como sapateiro, cabeleireiro, pintor, vendedor de balões e até mesmo empresário internacional. É um homem de bom coração, que está sempre disposto a ajudar. Seu Madruga também é apreciado devido a sua visão otimista da vida, e por expressar duas frases bem famosas e repercutidas: “A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena” e “As pessoas boas devem amar seus inimigos”. Essas frases carregam consigo um valor social muito importante, tanto para a época das primeiras exibições do seriado, quanto, principalmente, para os dias de hoje. Mais uma prova dos valores socioculturais que estão embutidos no seriado Chaves e que fizeram Bolaños ficar bastante empolgado ao criar o personagem do Seu Madruga:

[...] Don Ramón, um dos personagens mais graciosos que cercaram o Chaves. Ele desempenhou o papel de um desses caras que escondem suas múltiplas insuficiências por trás de uma tela de enorme simpatia. Ele era preguiçoso, sem educação, selvagem, etc., mas possuidor daquela graça natural que identifica o latino e daquela inteligência que invariavelmente o ajudou a sair do pior dos atoleiros. Por exemplo: ele nunca pagou o aluguel da casa que ocupava no bairro modesto, ao lado de sua filha, a Chiquinha (2006, p.99, tradução nossa).

Seu Madruga expressa uma realidade sentida diariamente no Brasil por pessoas que vivem de empregos temporários, arranjando “bicos” para sustentar a família e sempre dando um “jeitinho” para se dar bem, mas que mesmo assim não perdem a fé e continuam com um sorriso no rosto. Tal comportamento tipicamente brasileiro é relatado por DaMatta (1986, p.66):

O “jeito” é um modo e um estilo de realizar [...] É, sobretudo, um modo

simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; [...] Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas [...].

Chiquinha (Maria Antonieta de las Nieves) é a filha do Seu Madruga que vive arrumando confusão e se acha independente e bem esperta. Cheia de sardas, baixinha e de bastante atitude, Chiquinha representa a pessoa sagaz, manipuladora, astuta, que sempre (ou quase sempre) consegue o que quer. Esse tipo de representação pode funcionar não só no Brasil, mas também em todo o mundo. Ao contrário do Seu Madruga, que apresenta tipicamente um “jeitinho” brasileiro, a Chiquinha já possui uma característica universal, mas que pode se encaixar fielmente em um dos aspectos da sociedade brasileira: a malandragem. DaMatta (1986, p.68) trata este termo como “outro nome para a forma de navegação social nacional”:

O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoal e as leis que engendram – no caso da malandragem – o uso de “expedientes”, de “histórias” e de “contos-do-vigário”, artifícios pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações, igualmente usando o argumento da lei ou da norma que vale para todos [...].

Dona Florinda (Florinda Meza) é a mãe superprotetora do personagem Quico, viúva e que sempre está com um mau humor inexplicável. Por já ter pertencido à alta sociedade, Dona Florinda trata os vizinhos da vila com superioridade e até com desprezo, o que causa certa contradição pelo fato de todos dividirem o mesmo espaço. A personagem vive um conflito diário com o Seu Madruga, que, como já analisado aqui, representa o famoso “jeitinho” brasileiro. Assim, a representação da personagem da Dona Florinda está na burguesia que combate a minoria de forma rígida, utilizando-se da forma mais clara de superioridade: “Você sabe com quem está falando?”. DaMatta (1986, p.68) retrata este tipo de pessoa como alguém que se resguarda no argumento por autoridade.

[...] aqui, ao contrário do jeitinho e quase como o seu simétrico e inverso, não se busca uma igualdade simpática ou uma relação contínua com o agente da lei que está por trás do balcão. Mas, isso sim, busca-se uma hierarquização inapelável entre o usuário e o atendente. De tal modo que, diante do “não pode” do funcionário, encontra-se um “não pode do não pode” feito pela invocação do “sabe com quem está falando? Sou filho do Ministro!”, e pronto!, gera-se logo um tremendo impasse autoritário que dependerá, para a sua solução, dos devidos trunfos de quem está implicado no drama.

O senhor Barriga, interpretado por Édgar Vivar, é o dono da vila onde mora a maioria dos personagens. Seu fardo é que sempre que chega na vila para cobrar o aluguel dos inquilinos é recibo por uma pancada dada por Chaves. Além de ser enganado quase toda vez pelo Seu Madruga com a promessa de receber os quatorze meses de aluguel, Seu Barriga vive ouvindo piadas sobre o seu peso. Bolaños conceitua o personagem do Senhor

Barriga com muito carinho:

[...] seus problemas não foram reduzidos ao fracasso na arrecadação de aluguéis, mas também a infelicidade o selecionou como vítima fortuita de muitos dos danos ou imprudências cometidos pelas crianças do bairro. A imprudência, quase sempre provocada por Chaves, foi o que gerou a expressão que mais tarde se popularizou:

_ Tinha que ser o Chaves de novo! - Obviamente, sua raiva estava representando a impressão mal-humorada que todos tinham, até que o público descobriu que por trás daquela aparência havia um homem que espalhou bondade, ternura e, acima de tudo, indulgência. Sua mão se esticou para exigir pagamento, mas seu coração se encolheu para perdoar a dívida (BOLAÑOS, 2006, p.102, tradução nossa).

O interessante deste personagem é que, mesmo passando por tantas humilhações, em momento algum ele se abate, pelo contrário, segue generoso e bondoso com todos a sua volta. Seu Barriga pode ser considerado como a melhor figura humana dentre todos, justamente por suportar as injustiças que sofre e continuar revidando o mal com o bem.

Este tipo de característica está ligado diretamente ao carácter destinado ao personagem, que, trazendo para a cultura brasileira, representa a identidade nacional em sua essência, pela qual o povo brasileiro é conhecido mundialmente, ou seja, por ser um povo acolhedor e gentil. DaMatta (1986, p.12-13) também retrata essa realidade:

Quando eu defini o “brasileiro” como sendo amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e parentes, dos santos e orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil. O que faz um ser humano realizar-se concretamente como brasileiro é a sua disponibilidade de ser assim.[...] Isso indica claramente que é a sociedade que nos dá a fórmula pela qual traçamos esses perfis e com ela fazemos desenhos mais ou menos exatos. Tudo isso nos leva a descobrir que existem dois modos básicos de construir a identidade brasileira: o de fazer o Brasil, Brasil...

A análise agora volta-se ao personagem principal do seriado. Chaves, interpretado por Roberto Bolaños. Ele é um menino travesso e espirituoso que vive na casa de número oito da vila, e tem um barril para usar de refúgio. Ninguém sabe o verdadeiro nome do personagem, visto que “Chaves” é apenas uma adaptação brasileira para “Chavo” que em espanhol significa “menino”. Chaves é uma criança pobre e que vive com fome, por isso seus momentos mais engraçados no seriado são quando se delicia com alguma comida, principalmente se for um sanduíche de presunto. Bolaños (2006, p.98, tradução nossa) relata as características marcantes do personagem:

[...] Chaves foi o melhor exemplo de inocência e ingenuidade de uma criança. E muito provavelmente, essa característica foi o que gerou o grande afeto que o público passou a sentir por Chaves; carinho não só refletido nos aplausos, sorrisos e comentários de pessoas, porque tudo isto deve ser adicionado às centenas de pessoas (crianças e adultos) que levavam ao palco um “sanduíche de presunto”, um par de sapatos, brinquedos, etc.

O personagem Chaves apresenta o que pode ser considerado como a maior crítica social feita pelo programa. O personagem foi idealizado para representar o estereótipo da criança órfã e com fome que está presente em toda a América Latina. Além desta condição, Chaves também sofre com rejeição e preconceitos, sendo tratado muitas vezes com inferioridade, mas mesmo assim continua otimista e não perde a esperança.

DaMatta conceitua esse tipo de pessoa no perfil brasileiro também como uma espécie de “malandro”, porém de características diferentes às relacionadas à personagem da Chiquinha:

[...] trata-se mesmo de um modo profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres (DAMATTA, 1986, p.71).

É um meio de vida que exige otimismo e paciência. Chaves representa toda uma sociedade que está envolta em um sistema público que deveria funcionar e oferecer demandas básicas para o melhor desenvolvimento humano, mas que não é exercido.

Existem milhões de brasileiros que vivem à margem da sociedade esperando para receber um pouco do que lhe é prometido pelo poder público. Por isso, essa pode ser considerada a maior crítica social do seriado, por representar não só o povo mexicano e toda a sua carência, mas sim um mundo de exclusões que acontecem em todo o mundo.

Baseado nas análises de DaMatta (1986), podemos perceber que existem muitos aspectos que ligam o seriado Chaves à cultura brasileira. Isso mostra que a representatividade que ocorre pode estar diretamente ligada ao sucesso do menino da casa oito no Brasil.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seriado Chaves possui características socioculturais que são muito bem exploradas em cada personagem, por isso, de uma forma geral, o programa oferece uma identificação nacional, por conter elementos que ligam a cultura mexicana apresentada no programa à cultura brasileira, resultando assim um olhar de representatividade por parte do espectador brasileiro.

A identificação, a afinidade com um programa, uma música ou com uma maneira de se vestir promove uma maior propagação desse conceito. Se uma pessoa se interessa por algo e acredita que aquilo é tão bom que merece ser compartilhado, o próximo passo será a propagação, a disseminação da ideia. Ao chegar ao Brasil, Chaves trouxe em sua bagagem um amplo acervo de identidade, cultura, representação e encontrou nos brasileiros um hospedeiro garantido para a expansão do seu sucesso.

Ao buscar a resposta para a pergunta motivadora deste trabalho na teoria

folkcomunicação, que estuda a inserção da cultura e do folclore popular nos meios de comunicação de massa, foi possível comprovar, ao fazer a ligação da teoria com o seriado de televisão Chaves, que o programa está diretamente associado à propagação de ideias e valores relacionados à cultura mexicana e também à brasileira.

Esse tipo de estudo se faz necessário para buscar compreender como os produtos da indústria cultural conseguem conquistar o público de maneira tão direta e persuasiva. Compreender esse estilo de comunicação é essencial para buscar um equilíbrio entre o receptor e o emissor, com o intuito de gerar uma massificação de conteúdos apropriados e de grande valor nacional.

O estudo teve o objetivo de mostrar que o seriado Chaves não é apenas uma obra de entretenimento, mas sim a representação de uma sociedade marginalizada que busca seu espaço no mundo. As características socioculturais inseridas no programa demonstram um lado humano e cativante que foi precisamente marcado em cada episódio.

É esperado que a pesquisa sirva para fomentar os estudos sobre a influência midiática que nos cerca e para aumentar o desenvolvimento da comunicação, com o objetivo de entender fenômenos comunicacionais como o seriado Chaves.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo de. **Folkcomunicação: de comunicação dos “marginalizados” a meio de expressão dos dominados**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, setembro de 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

BENJAMIN, Roberto. Folclore In GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

_____. **Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade**. Revista Latinoamericana de Ciências da Comunicação, 8-9, 2011.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. **Sin Querer Queriendo**. Espanha: ed. Aguilar, 2006.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1986.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **Aproximações teóricas e empíricas entre a Folkcomunicação e os Estudos Culturais**. Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 1

HALL, Stuart. **“The work of representation”**. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 14, n° 1, janeiro-abril/ 2006.

MARQUES DE MELO, José. **Folkcomunicação** In GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

RENÓ, Denis Porto. **O seriado El Chavo del Ocho como um produto folkcomunicação que reflete a sociedade mexicana descrita por Octávio Paz**. Revista Internacional de Folkcomunicação 7.14, 2009.

SANTOS, Adriana; SALES, Roseni; FERREIRA, Raquel. **A audiência do “Chaves”: motivos, usos e gratificações**. Revista Alterjor: jornalismo popular e alternativo, São Paulo, ano.06, vol.02, n° 12, junho/dezembro de 2015.

SHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina**. Revista Bibliocom, vol. 1, n° 1, novembro/dezembro de 2008.

_____. **Teoria da Folkcomunicação** In GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetos 21, 32, 63, 135, 140, 154, 161

Arte 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 34, 40, 43, 44, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 70, 72, 76, 77, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 134, 138, 149, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 188, 189, 222, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 250, 252, 257, 258, 264, 272, 274

Arte contemporânea 23, 24, 27, 104, 110, 164, 167, 174

Arte-educação 12, 13, 17, 18, 19, 21

Arte híbrida 110

Arte infantil 12, 16, 17, 22

Artes visuais 24, 25, 88, 97, 99, 105, 119, 122

Arte urbana 163, 164, 165, 167, 168, 173, 174, 175

B

Beleza clássica à antiga 51

Bioarte 67, 70, 71, 72

Boi-bumbá de Parintins 176

C

Carnaval 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 150

Chaves 134, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Cidade 6, 7, 27, 31, 32, 33, 34, 43, 55, 92, 101, 119, 120, 125, 126, 127, 129, 159, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 189, 191, 194, 211, 228, 229, 234, 256

Cinema indígena 197

Cirandas de Manacapuru 176, 177, 180, 185, 189

Comunicação 78, 86, 124, 135, 141, 142, 143, 144, 152, 193, 196, 213, 230, 232, 233, 239, 244, 249, 251, 253, 259, 260, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 273

Comunidade 37, 43, 46, 137, 138, 140, 142, 168, 200, 201, 204, 209, 210, 211, 213, 217, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 237, 238, 239, 240, 247, 265, 266

Contranarrativas históricas 197, 199

Corpo 3, 8, 9, 11, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 55, 58, 60, 62, 64, 95, 97, 110, 115, 116, 117, 118, 119, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 170, 171, 172, 174, 215, 226, 233, 234, 255, 269

Cuerpos 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Cultura 4, 10, 11, 22, 27, 32, 34, 50, 51, 52, 55, 75, 82, 86, 109, 112, 115, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 155, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 182, 188, 189, 198, 199, 200, 201, 206, 213, 216, 230, 232, 234, 235, 241, 243, 244, 249, 250, 252, 253, 255, 259, 268, 272, 274

Curumiz 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174

D

Dança 10, 46, 48, 124, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 180, 187, 241, 245, 249

Desejo 27, 31, 32, 45, 46, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 137, 268

Documentación 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Documentário 190, 192, 193, 194, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 245, 246, 247, 250

E

Escola de samba 36, 37, 39, 40, 41, 43, 47, 50

Espaço público 119, 125, 164, 168

Etnomusicologia 190, 191, 192, 195, 196, 213, 241, 242, 243, 244, 250

F

Fado de Quissamã 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

Fazer musical 190, 192, 194, 213, 222

Ficção 24, 27, 28, 33, 112, 264, 271

Folkcomunicação 141, 142, 143, 144, 145, 152, 153

Fotografia 23, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 160, 170, 255, 257

I

Identidade 77, 130, 142, 150, 151, 154, 155, 162, 164, 173, 204, 233, 249, 250, 259, 268, 273

L

Leitura de imagem 163

Livro de artista 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

M

Memória 8, 24, 26, 27, 28, 30, 88, 89, 92, 106, 107, 154, 156, 175, 199, 201, 206, 228, 245, 246, 247, 250, 251, 255, 258, 259

Música 3, 5, 7, 10, 19, 57, 78, 79, 81, 83, 84, 86, 124, 134, 150, 151, 154, 161, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 237, 241, 242, 243, 244, 250, 251, 252, 253, 256, 257, 258, 259

N

Narrativa audiovisual 190

P

Performance 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 31, 32, 33, 45, 68, 74, 76, 110, 113, 136, 164, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 212, 223, 242, 243, 246, 248, 251, 257, 258, 259

Pintura modernista 99, 104, 106, 108

Política 10, 25, 32, 34, 36, 82, 129, 131, 132, 133, 136, 138, 146, 167, 174, 203, 204, 205, 206, 214, 232, 271, 272

Pornografia 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75

Processo de criação 88, 90, 91, 120, 132, 134, 216, 224, 229, 230, 236, 239

Processos artísticos contemporâneos 119

Psicologia analítica 12, 13, 22

Publicidade 260, 261, 269, 270, 271, 272, 273

R

Rádio 239, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259

Religião 41, 46, 162, 205, 209, 214, 237

Renascimento Veneziano 51

Representatividade política 36

Resistência 27, 28, 77, 82, 86, 198, 205

S

Sonoridade 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 224, 236

Suspensão 29, 260

T

Tarsila do Amaral 99, 100, 108

Teatro de Arena 77, 78, 80, 82, 84, 86

Tempo 2, 3, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17, 22, 25, 27, 29, 30, 32, 35, 42, 53, 78, 80, 85, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 108, 109, 117, 121, 129, 132, 133, 143, 156, 157, 159, 160, 166, 173, 177, 178, 180, 182, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 220, 221, 231, 234, 239, 245, 248, 249, 253, 255, 257, 267, 268, 269, 271

Transmissibilidade 24, 26

Tunga 24, 27, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

V

Vanguarda 1, 9

Vênus 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 110, 111, 112, 113, 114

Vídeo nas aldeias 197, 199, 207, 208

Virtualización 67, 70, 71, 74

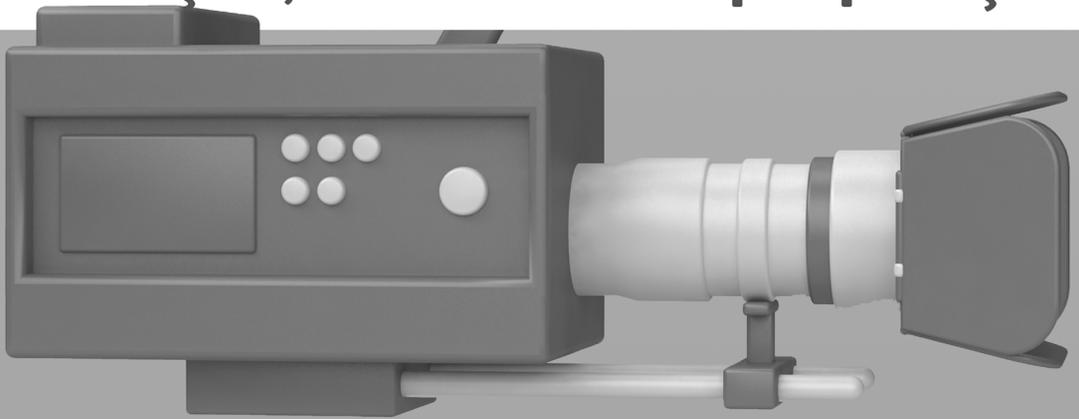
Vocalidade 251, 253, 256, 258

W

Walter Benjamin 24, 26, 27, 34, 272

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021